

e desenhos de projetos de construções, tanto civis como militares, além das tarefas inerentes à administração pública ou ao comando militar. Dedicou-se, entranhadamente à geografia e à cartografia. Explorou e levantou milhares de quilômetros de nossos rios e sertões, ora na bacia do Amazonas, ora na do Paraguai. E para tornar útil e conhecido esse gênero de pesquisas, entregou-se por largos anos a trabalhos de escritório, umas vezes redigindo os diários e memórias daquelas explorações, outras fazendo anotações e cálculos, de que resultavam mapas, quadros e gráficos elucidativos.

As últimas partes do volume referem-se às atividades de Ricardo Franco no comando da fronteira sul, especialmente na baixada do médio Paraguai, onde, por várias vezes o Forte Coimbra foi ameaçado pelos espanhóis. Até 1808 o grande soldado ali serviu, apenas com pequenas interrupções. Com a saúde abalada pelo excesso de trabalho em regiões de poucos recursos, faleceu aos 21 de janeiro de 1809.

Nos capítulos finais trata o A. de assuntos ligados à repercussão da obra de Ricardo Franco e ao descobrimento de seus restos mortais, e neles, especialmente, retifica numerosas asserções de outros autores, entre os quais o Visconde de Taunay que em sua monografia "A cidade de Mato Grosso" (posteriormente incluída no volume "A cidade de ouro e das ruínas") ocupou-se também do grande militar. Muito deve Mato Grosso a Ricardo Franco, não só pelas funções de sua vida militar, mas, principalmente, pelas explorações geográficas que realizou. Seus relatórios, que o Arquivo do Exército guarda, encerram contribuições valiosas para o conhecimento daquelas dilatadas e longínquas regiões do centro-oeste brasileiro e representam, tanto quanto as explorações de Silva Pontes, de Alexandre Rodrigues Ferreira e de Lacerda e Almeida, novas demonstrações do interesse pelas áreas de fronteiras, decorrente das demarcações dos tratados de Madrid e Santo Ildefonso, que garantiram para Portugal e conseqüentemente para o Brasil, a posse definitiva de extensas regiões, perlostadas primeiramente pelas bandeiras paulistas. Mais um exemplo, pois, do inusitado interesse que o Estado português toma pelo Brasil naquele período tão importante de nossa história, representado pelos fins do século XVIII e início do XIX.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

LISKA (George). — **Nações em aliança: os limites da interdependência.** Tradução de Affonso Blacheyre. Rio, Zahar, 1965. 286 págs.

O fato de haver o autor do presente ensaio dedicado seu trabalho à memória de Eduardo Benés, "que confiou a seus aliados ocidentais o direito de uma nação e sua própria honra, para que pudessem armar, vencer e chegar à culminância da liberdade", já nos indica, de modo geral, a idéia central de George Liška que, além de tratar das "nações em aliança", cogitou igual e paralelamente dos "limites da

interdependência”. Interdependência de direito ou de fato, o caso é que Benés talvez tenha confiado demais nos seus “aliados ocidentais”, os quais, em Munique, pusilânimes diante do crescente poderio nazista, concordaram em partilhar a heroica nação tcheca. Talvez por ter sofrido na pele os mais tremendos problemas decorrentes das relações internacionais, tanto neste século como nos anteriores, situada como está no coração da Europa, a velha Boêmia é uma terra de grandes pensadores políticos. Homens que, preocupando-se não apenas com o seu país, mas transportando-se do plano nacional para o continental, pensaram sempre em termos de Europa. Dois dêles — e dêste século — Masaryk e Benés bastariam para chamar a atenção dos teóricos da política e das relações internacionais para o pensamento político tcheco. Nos escritos de ambos — especialmente em **A democracia de hoje e da amanhã** de Benés — o apêlo ao passado se fez de tal maneira necessário, que, tal como no presente volume de Liska, constituem, ambos, valiosos subsídios à história contemporânea.

A aliança de países é fato tão original na política quanto o conflito; une os autores de idéias semelhantes, na esperança de vencer seus rivais. Daí ser impossível falar em relações internacionais sem se referir às alianças, pactos, eixos, acordos, **ententes**, ou que outro nome tenham. Partindo dêste princípio, o autor esmiuçou, de maneira praticamente completa, todos aquêles elementos que desde o século XVII puderam servir para ilustrar a complexidade do jôgo de interesses políticos entre os vários grupos de países, que, com bases econômicas ou ideológicas (e quase sempre as duas) trouxeram o mundo ocidental num gravíssimo estado de tensão, cujos resultados podem, em grande parte, ser encontrados no clima de instabilidade de nossa época. O autor poderia, certamente, recuar mais ainda, pois desde os fins da Idade Média, por ocasião da Guerra dos Cem Anos, o assunto se coloca. E se quizermos, poderemos ir até a Antigüidade, pois convém não esquecer que um historiador como Tucídides, que viveu no V século a. C., já se preocupava com o problema. As ligas das cidades gregas, especialmente nas guerras greco-pérsicas ou, mais tarde, nas do Peloponeso, constituiriam um primeiro exemplo de grupos em aliança e que nem sempre conheciam rigidamente os limites da interdependência.

O fato de o autor do presente ensaio tomar sempre como referência a participação dos Estados Unidos nas diversas modalidades consideradas em seu livro, não lhe tira o caráter objetivo que precisaria ter para versar assunto em que os problemas de ética política ocupam necessariamente o primeiro plano. “A política norte-americana de alianças não tem sido criações originais de circunstâncias sem precedentes e encontra paralelos tanto no passado recente como no remoto, tendo adaptado às condições contemporâneas muitas configurações e técnicas de nações mais antigas e intimamente ligadas entre si, especialmente a Grã-Bretanha e a França” (pág. 12). Reconhece o autor que na formação da atitude norte-americana-

na quanto à política externa, a primeira experiência maior dos Estados Unidos, como nação nova que era, não se mostrou muito grande: a aliança com a França foi de pequena duração, o que fez com que, daí em diante, o conceito estratégico norte-americano se mostrasse mais próximo do britânico.

Os problemas da jovem nação norte-americana dos fins do século XVIII e inícios do XIX levam o autor a panoramizar a evolução da diplomacia daquele país que, oscilando entre o que se pode chamar de sistema britânico e sistema francês, acabou na situação do isolacionismo monroista que nenhuma vantagem lhe trouxe. A crise decorrentes da “paz armada” do início deste século modificaram a linha de conduta norte-americana, levando-a ao extremo oposto, pois, tal como a França de meio século antes, “os Estados Unidos passaram a reunir em volta de si uma clientela de aliados menores a fim de conter o adversário e salvaguardar os líderes da aliança contra o efeito cumulativo sobre sua segurança nacional das subversões sem freios em outras partes” (pág. 14).

Para a história diplomática de nossa época, “Nações em aliança” figura-se-nos uma contribuição fundamental, que há de interessar aos estudiosos de História, de Política e de Ciências Sociais. Quando nada, para advertir-nos da complexidade do problema. Fontes criteriosas, abundantes e bem citadas dão ao livro o tom de seriedade que o assunto exige.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

GUERRA Y SANCHEZ (Ramiro). — **Sugar and Society in the Caribbean. — An Economic History of Cuban Agriculture**; apêndice de José Antônio Guerra Debén e prefácio de Sidney W. Mintz; Caribbean Series. Yale University Press, New Haven and London, 1964.

Sugar and Society in the Caribbean é uma tradução para o inglês de obra escrita pelo historiador cubano Guerra y Sanchez em 1927. No prefácio Sidney W. Mintz justifica a inclusão dessa obra nas **Caribbean Series** pelo fato de contribuir para a interpretação e compreensão da atualidade econômica e social de Cuba. Nessa obra de leitura bastante agradável Guerra y Sanchez estuda o desenvolvimento do latifúndio canavieiro nas Antilhas, especialmente em Cuba e as repercussões nas transformações sociais. O A. analisa as condições econômicas e sociais que presidiram o desenvolvimento da cultura canavieira de Cuba desde o início da colonização até hoje, mostrando as origens dos problemas que afligem a ilha desde fins do século passado.

O livro é constituído por seis partes, além da introdução e do epílogo. Na introdução o A. apresenta os problemas que se propõe a resolver. Mostra que as ilhas Caraibas que permaneceram sob o do-